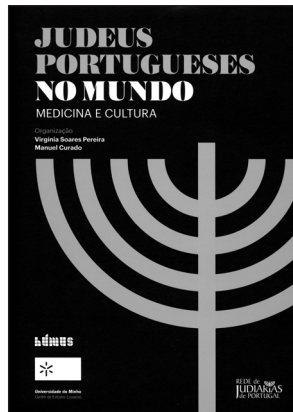


Judeus portugueses no mundo: medicina e cultura*

Daniel Serrão**



Apresentar esta obra é um desafio que eu não deveria ter acolhido, por carecer de um mínimo de competência para o poder superar. Sendo, como uma vez escrevi, “epígono de erráticas leituras”, acabo por não ter a sabedoria de nada. Mas a um convite do Professor Manuel Curado, não posso nunca dizer que não, tantas são as gentilezas que lhe devo.

* Texto lido pelo autor no salão nobre do Teatro Circo (Braga) no 3 Julho 2014 na sessão de apresentação do livro “Judeus portugueses no mundo: medicina e cultura” organizado por Virgínia Soares Pereira e Manuel Curado e editado pelo Centro de Estudos Lusíadas da Universidade do Minho.

** Professor catedrático jubilado, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Portanto, declarando-me, já, à partida, incompetente, estou à vontade para fazer uma apresentação que será à medida desta declarada incompetência. As minhas desculpas aos dezasseis autores e aos dois organizadores do Ciclo de Conferências e do Colóquio que deram origem a esta obra. Desculpas, porque não vou entrar na substância dos vossos trabalhos – que li com muito interesse – nem irei referir o muito que com todos aprendi. A minha apresentação poderia até ser muito simples dizendo apenas isto: quem estiver interessado em ficar a saber muito sobre judeus portugueses leia este livro porque encontra nele investigação séria e rigorosa, muita informação e uma perspectiva moderna de temas antigos; que, por vezes, até corrige afirmações mal fundamentadas de outros autores que têm escrito sobre este tema ao longo do tempo.

Mas penso que esta afirmação precisa de ser fundamentada, e é esse fundamento que eu vou procurar encontrar em breves minutos.

II

O povo hebraico é um mistério ainda hoje indecifrado e, talvez, indecifrável. O enorme esforço que fez Simon Schama, nos seus trabalhos históricos, em particular na sua *História dos Judeus*, subtitulada *Encontrar as Palavras 1000 a.C.-1492 d.C.*, traduzida por Pedro Garcia Rosado, o esforço que fez para compreender o povo judeu, na sua origem, permitiu-lhe dar algumas respostas; que acabam por me suscitar muitas dúvidas.

Mas é um livro fascinante, escrito, como o autor afirma, com amor. A informação carreada nas suas quase setecentas páginas é tão avassaladora que, depois de o ler, senti-me como uma humilde formiguinha a levar a sua pequena migalha para um grandioso formigueiro onde muitos milhares de outras, mas grandes, formigas depositam as suas migalhas de sabedoria. A bibliografia que indica para conhecer, por exemplo, o que se pode saber e pensar sobre os Judeus e o Cristianismo primitivo é tão vasta que nem num ano de leitura eu a conseguiria absorver e usar. O mesmo direi da bibliografia sobre as controvérsias,

perseguições e expulsão dos Judeus em Espanha, na qual cita, por exemplo, o livro de François Soyer, referindo, além da versão original, também a que foi publicada pelas Edições 70, em 2013, e que se intitula assim: *Perseguições aos Judeus e Muçulmanos de Portugal – D. Manuel I e o Fim da Tolerância Religiosa, 1496-1497*.

A literatura sobre o enigma do povo hebraico é, hoje, incomensurável; e os seus autores são, na quase totalidade, hebreus. Tudo se passa como se o mistério deste povo fosse, agora e sempre, um problema constante para os seus membros. O livro de Steven L. Pease, publicado em 2009 e intitulado *The Golden Age of Jewish Achievement*, tenta encontrar uma explicação para a convicção de ser o povo judaico um povo escolhido por lavé, afirmando que a escolha é para que os Judeus ajudem a curar o *broken world*, em benefício de toda a humanidade. Na essência, afirma, os Judeus foram “escolhidos” para cumprirem este dever. O que é este mundo partido? É o mundo imperfeito criado por lavé. O descanso de lavé ao sétimo dia resultou de que, tendo criado o Homem à sua imagem e semelhança, deu-lhe a capacidade criativa necessária para corrigir as imperfeições do mundo. Para esta missão escolheu, no tempo próprio, um povo, fazendo um acordo com Abraão e sua descendência, ou seja, com o povo hebraico.

Começa assim, na linguagem simbólica e metafórica do *Génesis*, uma epopeia que tem mais de quatro mil anos, na qual há uma constante que é a das sucessivas tentativas, século após século, de destruição total deste povo. A história secular do povo hebraico está cheia de massacres. A Inquisição (recuso-me a chamar-lhe “Santa”) fez o seu trabalho sinistro durante uns dois séculos, queimando alguns milhares, em especial nos dois povos ibéricos. Em Portugal o último massacre ocorreu em 19 de Abril de 1506, em Lisboa, por um motivo fútil, como referem os autores de *O Massacre dos Judeus*. Em três dias, o povo anónimo, instigado pela pregação de dois frades dominicanos, terá matado, com requintes de crueldade, alguns milhares de cristãos-novos, incluindo mulheres, mulheres grávidas e crianças; em especial, os cristãos-novos mais ricos cujas casas foram saqueadas. Na Polónia e na Rússia os massacres sucederam-se ao longo de séculos. A “solução final” do Nazismo matou cerca de um terço de todos os judeus existentes, mas o povo hebreu parece ter ficado ainda

mais criativo e entregue à sua missão de melhorar o mundo. O povo celta teve uma arte e uma religião. Viveu, desde 600 a.C., nos espaços que hoje são a Europa, e desapareceu, depois de César e as suas legiões romanas o terem subjogado, restando uma pequena “amostra” no chamado País de Gales, na Escócia e na Irlanda. Roma também ocupou o território do povo hebraico, mas ele não desapareceu.

III

A “migalha” que quero trazer é a tentativa de responder a esta pergunta: o mistério do povo hebreu e da sua sobrevivência como povo está dependente de alguma característica identificável? Ou é um fruto banal do acaso?

Da vasta literatura que tenho compulsado deduzo estes dois pontos que dou como seguros:

1. Os Hebreus, estejam em que lugares estiverem, na terra habitada, não pertencem a esses lugares. A sua vinculação é ao Livro, e não a nenhum país. Maria José Ferro Tavares assinala que a presença de Judeus na Ibéria pode ser do tempo do Rei Salomão, e o documento mais antigo é do século III da era cristã, muito antes de D. Afonso Henriques conseguir ser reconhecido pelo Papa como Rei de Portugal. Ou seja, os Judeus andam pelo mundo desde sempre, não se confinando aos territórios nos quais Abraão se instalou com a sua família e com os haveres da vida rural que era, à época, a sua. Joaquim Mendes dos Remédios, na obra monumental que publicou em 1895, afirma, e cito: “A partir do século VI da era cristã, os Judeus, que se achavam agrupados na Palestina, espalharam-se pouco a pouco por toda a superfície do globo”.

Em qualquer lugar onde decidam viver, praticam a sua tradição religiosa e criam uma organização própria, social, familiar, política e financeira, sempre reconhecendo a autoridade rabínica.

O *ghetto*, que é a expressão mais referida desta vida organizada dos Judeus auto-excluídos, como também as judiarias, permitia-lhes fazer uma vida própria, não assimilando as culturas dos povos onde se instalavam. Howard Sachar

refere que no século XIV, na grande Polónia desse tempo, havia cidades inteiramente judias. O “exílio”, que acompanha os Judeus desde o início – exilados que todos, os humanos, somos do Éden – parece não estar relacionado directa e exclusivamente com expulsões, nem com as duas destruições do Templo de Jerusalém; mas é, antes, a característica da etnicidade judia, segundo Shlomo Sand, no seu controverso livro de 2010, *The Invention of the Jewish People*. Para este autor, a Bíblia hebraica é um marcador étnico que acompanha os Hebreus nos seus “exílios”, e desvaloriza a importância da terra onde se encontrem. Para Manuel Simões, em comunicação apresentada em 1995, no Encontro de Cientistas Portugueses residentes no Estrangeiro, melhor será falar de errância e dos seus vários tipos. No caso de Pessoa, que lhe serve de paradigma e que era de ascendência hebraica, como é sabido, fala de errância de tipo existencial e de tipo ontológico.

Sem argumentar, por não ser este o local apropriado, direi que os Judeus, fisicamente instalados num qualquer país, por exemplo Portugal, vivem uma errância existencial – vivem para o Livro e sua força aglutinadora e socialmente estruturante, como Torah, como Lei – e vivem numa errância ontológica, porque não são portugueses, são etnicamente judeus.

A historiadora Anita Novinsky, judia e professora na Universidade de São Paulo, afirma que o criador do movimento dos Bandeirantes que, de certo modo, fez o Brasil, o judeu cristão-novo António Raposo Tavares, pertence à história do Brasil mas pertence também à história dos Judeus: “Com sua avidez de liberdade representava a herança dos Profetas e a essência do espírito que o Judaísmo legou aos convertidos”.

A diáspora, como escreve Moacyr Scliar, “não era um fenómeno novo na vida judaica. Já havia o antecedente no exílio da Babilónia; além disto, numerosos judeus viviam em comunidades espalhadas pelo Império Romano: Tarso (de onde vinha Paulo), Chipre, Antioquia, Éfeso, Tessalónica, Atenas, Corinto. Só no Egito havia cerca de um milhão de judeus.”

2. Dos Hebreus, nos países onde vivem, emergem, mesmo com as maiores dificuldades de aprendizagem em liberdade, numerosos membros com qualidades pessoais de nível superior, alguns geniais. Esta afirmação está exuberantemente documentada na lista dos Prémios Nobel, mas bastará que

refira o livro de Michael Shapiro, editado em 2000, no qual apresenta a biografia, sucinta, dos cem judeus mais influentes de todos os tempos. Nomes como Moisés e Jesus, Abraham e Saulo de Tarso (S. Paulo) aparecem a abrir a lista, que depois refere Karl Marx, Leon Trotsky, Sigmund Freud, Albert Einstein, Niels Bohr, Henri Bergson, Marcel Proust, Émile Durkheim, Arthur Miller e Boris Pasternak, nas diversas áreas do saber; na música e no espectáculo cita Felix Mendelssohn, Gustav Mahler, Leonard Bernstein, George Gershwin, Benny Goodman e Bob Dylan. Groucho Marx e Harry Houdini são citados pela sua capacidade de criarem novas formas de expressão nos espectáculos de entretenimento.

Claro que esta escolha é arbitrária, e não seria difícil escolher outros cem diferentes judeus cujas intuições mudaram a forma de os seres humanos viverem no mundo. Bastaria ir ao rol dos Judeus com Prémios Nobel – até o da Paz! –, e lembrar, dos vivos, o nome de Alexandre Grothendieck, considerado o matemático mais genial da segunda metade do século XX, hoje um eremita escondido em lugar incerto dos Pirenéus franceses.

Vejamos o que posso dizer de outros campos de actividade. O cinema dos irmãos Lumière nasce como indústria de âmbito mundial – talvez a maior e mais poderosa criadora de mudança do mundo – em resultado de uma intuição de dois judeus, Samuel Goldwin e Louis Mayer, e da capacidade organizativa e financeira de um terceiro judeu, Marcus Loew, dono de uma rede de salas de espectáculos em toda a América. Mas a Warner Brothers, a Paramount, a Universal e a 20th Century Fox foram todas fundadas e dirigidas por judeus a viverem nos Estados Unidos.

Ao lado destes nomes colocaria o de Sergey Brin, o criador do Google, o maior motor de busca na Net, e de Mark Zuckerberg, o inventor da rede Facebook com Eduardo Saverin, jovem judeu brasileiro, também a estudar em Harvard. Mark Zuckerberg foi educado na tradição hebraica, e celebrou aos 13 anos, como prescreve a Torah, o *bar mitzvah*, mas depois declarou-se ateu e sem qualquer ligação à tradição religiosa hebraica. Esta cerimónia hebraica poderá ser considerada como homóloga da Primeira Comunhão, no Cristianismo, pois ambas as cerimónias assinalam uma nova relação com a Transcendência, ou

seja, uma maturação espiritual. Num e noutro caso, declarar-se ateu, depois de ter realizado a cerimónia, não afecta a relação com a Divindade, que é uma aquisição permanente. Contudo, o actor Kirk Douglas, aos 87 anos de idade, voltou a celebrar o *bar mitzvah*, para assinalar o seu regresso à tradição hebraica, que tinha rejeitado. No Cristianismo também acontece este voltar à comunhão da Cristandade, em fases tardias da vida, por parte de quem, tendo feito a cerimónia da comunhão, se declarou, mais tarde, ateu.

Também citaria Howard Gardner, que, com a sua intuição de que os humanos têm hoje vários tipos de inteligência, em consequência da evolução biológica cerebral, está a revolucionar todo o processo educativo, formal e informal. E Daniel Kahneman, Prémio Nobel de Economia, sem ser economista, que intuiu que temos duas formas de pensar e decidir, uma lenta e outra rápida, que ocorrem em áreas diferentes do cérebro humano. E Elkhonon Goldberg, que criou o conceito de Executive Brain, extremamente frutuoso. E prestaria homenagem a Alexander Imich, judeu nascido na Polónia em 1903, e que era, até à sua morte em 8 de Junho de 2014, o homem mais velho do mundo, com a idade de 111 anos e 124 dias, certificada pelo *Livro Guinness dos Recordes*.

O autor defende a sua escolha dizendo na Introdução que nem todos foram homens grandes e bons, mas todos alteraram as convenções ou encaminharam as sociedades humanas para o que, para eles, era o correcto, tentando melhorar a vida não apenas para a minoria hebraica mas para todos os filhos de Deus. Esta será a sua missão como povo escolhido.

Fernando Pessoa explicou, de forma lapidar, esta obrigação ontológica de todo o hebreu no Soneto XIII de “Passos da Cruz”:

Emissário de um rei desconhecido
Eu cumpro informes instruções de além,
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm
Soam-me a um outro e anómalo sentido...

Inconscientemente me divido
Entre mim e a missão que o meu ser tem,
E a glória do meu Rei dá-me o desdém
Por este humano povo entre quem lido...

Não sei se existe o Rei que me mandou
Minha missão será eu a esquecer,
Meu orgulho o deserto em que em mim estou...

Mas há! Eu sinto-me altas tradições
De antes de tempo e espaço e vida e ser...
Já viram Deus as minhas sensações...

Difícilmente se encontrará, mesmo na literatura rabínica, uma forma tão contida e, ao mesmo tempo, tão explícita da missão existencial e ontológica de um hebreu inteligente e culto.

IV

Dando, então, como adquirido que os Judeus vivem num mundo próprio, existencial e ontológico, e que muitos são geniais – que tenho eu a dizer desta obra que me caberia apresentar se soubesse como fazê-lo?

Tenho a dizer, primeiro, que todos os vultos da medicina que nela são evocados são um argumento para a minha proposta, sintetizada no que dei por adquirido.

Ribeiro Sanches era tão bom médico judeu em Benavente, Portugal, como o foi em Moscovo, na Rússia dos czares, e depois em Paris. O admirável capítulo de Fernando Machado, de rigorosa investigação científica, mostra como Ribeiro Sanches, cristão católico, foi etnicamente judeu, toda a sua vida e nas suas errâncias, atingindo sempre as mais altas capacidades profissionais. Amélia Ricon-Ferraz, na Apresentação à edição fac-símile do *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos*, escreve: “Foram justíssimas as palavras que figuravam como legenda das armas que lhe foram concedidas pela Rússia: *Não para si mas para o mundo se julgou criado.*”

Amato Lusitano, cuja vida errante David de Moraes recria com perfeita mestria e de tal modo que me pareceu vê-lo a ser invejado em Ragusa, a viver em Salónica, a ter a alegria de encontrar os seus amigos lusitanos, a praticar a melhor medicina e, quando apareceu a peste, a tratar todos até que a peste o

matou. Amato Lusitano realiza, nesta vida múltipla, o ideal de uma existência hebraica, seja qual for o espaço físico em que se encontre.

De todas as contribuições para esta obra ressalta uma rigorosa compreensão da natureza especial dos Hebreus que nunca descansam na busca da verdade, que correm riscos por amor dela e que não passam despercebidos nem se apagam por muitas que sejam as suas errâncias.

Desta visibilidade intelectual e social, que é fruto da sua qualidade, resultam duas consequências: ou são amados e aceites, ou são odiados e perseguidos.

Nesta obra, ambas estas reacções são tratadas, exaustivamente, a propósito desta dúzia de hebreus, estudados no contexto político, religioso e social em que se movimentaram no seu tempo. Nascidos em Portugal, o seu espaço era, contudo, qualquer outra nação ou território para onde, por necessidade ou desejo, decidissem ir fixar-se. Muitas vezes por pouco tempo, mas sem passarem despercebidos, porque foram sempre amados ou odiados. Três referências apenas a textos deste livro.

Manuel Curado, antecipando e introduzindo a portentosa edição crítica que preparou e a Imprensa da Universidade de Coimbra acaba de apresentar, disserta sobre uma obra de dois judeus idos de Portugal para Londres, Isaac Samuda e Jacob de Castro Sarmiento. Esta obra, a que chama enigmática, tem por título *As Viríadas*, e é um longo poema épico em treze Cantos, mais as estâncias de Jacob de Castro Sarmiento, escritas depois da morte de Samuda, seu amigo, num total de cento e oito oitavas, ou seja, oitocentos e sessenta e quatro versos. O que me admira é que o médico Samuda, com uma grande actividade clínica e científica em Londres, conseguisse ter tempo para este devaneio poético que é uma exibição impressionante de cultura clássica e de conhecimento da mitologia grega. Mas tudo Manuel Curado explica e comenta.

Gostei muito de ler Pinharanda Gomes, que admiro há muitos anos, mas não creio que haja uma filosofia hebraico-portuguesa, porque a reflexão filosófica, imagino eu, ultrapassa os limites das nacionalidades. Mas ele é que sabe.

A Jorge Martins gostaria de pedir que olhasse o chamado “marranismo” como a expressão da capacidade de um hebreu ver o essencial da sua missão no

mundo, para além das circunstâncias de tempo, de espaço e de cultura em que tenha vivido, na Ibéria e fora dela. Cristão-novo e cripto-judeu são, penso eu, expressões sem significado ontológico, são designações sociais, exteriores à verdade ontológica de cada hebreu em concreto. Viver em “Sefarade” poderá ser considerado um modo existencial hebraico particular, que se manifestou, exuberantemente, na Flandres, e que, mais do que ser uma forma de dupla identidade, é uma recusa de viver numa identidade estática, definitiva e bem arrumada. Recusa que é maravilhosamente criativa: “Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo” – Álvaro de Campos.

Este livro é uma análise muito rigorosa de um aspecto geral da realidade hebraica que é a errância, a partir de Portugal, como um caso particular, ao redor do século XVI. Muito bem. Mas... “Há ainda muito a fazer neste domínio” – assevera Virgínia Soares Pereira na “Nótula de Apresentação”. Pois, com este excelente primeiro passo, antevejo que um muito bom “caminho se fará, caminhando”. Até chegar aos tempos modernos, porque a saga hebraica da errância, agora mundial, permanece como a marca de um mistério indecifrado. O mistério da identidade hebraica.

Bibliografia

- SCHAMA, Simon, *A História dos Judeus. Encontrar as Palavras, 1000 a.C.-1492 d.C.* Lisboa: Círculo de Leitores, 2014.
- PEASE, Steven L., *The Golden Age of Jewish Achievement. The Compendium of a Culture, a People, and their Stunning Performance.* Sonoma CA: Deucalion, 2009.
- MATEUS, Susana Bastos, e Paulo Mendes Pinto, *Lisboa, 19 de Abril de 1506. O Massacre dos Judeus.* Lisboa: Alêtheia, 2007.
- MOSCATI, Sabatino et al., eds., *The Celts.* London: Thames & Hudson, 1991.
- TAVARES, Maria José Ferro, *Os Judeus em Portugal no Século XIV, 2.^a ed.* Lisboa: Guimarães Editores, 2000.
- MENDES DOS REMÉDIOS, J., *Os Judeus em Portugal, 2 vols.* Coimbra: França Amado Editor, 1895 e 1928 [ed. fac-símile, Lisboa: Alcalá, 2005].
- SACHAR, Howard M., *A History of the Jews in the Modern World.* New York: Vintage, 2006.
- SAND, Shlomo, *The Invention of the Jewish People.* London: Verso, 2009.
- SIMÕES, Manuel, "A errância na literatura portuguesa do séc. XX", in *Cientistas Portugueses residentes no Estrangeiro.* Aveiro: Fundação João Jacinto de Magalhães, 1996.
- NOVINSKY, Anita, "A 'conspiração do silêncio'. Uma história desconhecida sobre os bandeirantes judeus no Brasil". *Coloquio: Publicación del Congreso Judío Latinoamericano* [Buenos Aires], s/d, www.coloquio.org, e www.congresojudio.org.ar/uploads/coloquio/139/coloquio_version_descarga.pdf [acedido a 1 de Junho de 2015].
- SCLIAR, Moacyr, *Judaísmo: Dispersão e Unidade.* Lisboa: Cotovia, 2010.
- SHAPIRO, Michael, *The Jewish 100. A Ranking of the Most Influential Jews of All Time.* New York: Citadel Press, 2000.
- GARDNER, Howard, *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences.* New York: Basic Books, 1993.

KAHNEMAN, Daniel, *Thinking, Fast and Slow*. London: Penguin Books, 2012.

GOLDBERG, Elkhonon, *The New Executive Brain. Frontal Lobes in a Complex World*. New York: Oxford University Press, 2009.

PESSOA, Fernando, *Poesias*. Lisboa: Edições Ática, 1952.

RICON-FERRAZ, Amélia, “Apresentação”, in António Nunes Ribeiro Sanches, *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos*. Porto: Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos e Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, 2010.